



“Uma provocação, um divertimento sério”

Ensemble – Sociedade de Actores



Há no Ensemble um permanente estado de desassossego e de espanto perante este nosso ofício, desde há longos anos. Esta inquietação – que nos impede de nos acomodarmos a uma maneira de fazer, que nos faz construir pontes mais ou menos surpreendentes como forma de reflexão e partilha estimulante de saberes e talentos, de criação de laços e cumplicidades entre criadores e intérpretes de áreas diferentes – tem feito parte do percurso do Ensemble desde sempre e já nos define como projecto artístico no Porto e no país.

Por isso, ao longo dos anos, têm surgido aventuras tão diversas e ousadas como os nossos Tchékhovs, os nossos Molières ou os nossos Shakespeares; a divulgação de autores contemporâneos como Brian Friel, Arnold Wesker, Conor McPherson, Samuel Beckett, Tom Kempinski ou Jean Cocteau; a encomenda de textos originais a autores portugueses como Luísa Costa Gomes, Jacinto Lucas Pires, Mickaël de Oliveira e, agora, Ricardo Alves; ou, ainda, as nossas sempre tão gratas

Atmosferas, em que nos afastamos dos palcos para lugares mais ou menos inesperados, como a livraria Lello ou o jardim da Cooperativa Árvore.

Estas aventuras só são possíveis porque o Ensemble tem tido apoio contínuo e ininterrupto do Estado desde a sua formação, há vinte e dois anos. Isso tem-nos permitido ir construindo e consolidando, ao longo dos anos, uma rede de parceiros co-produtores que têm sido absolutamente fundamentais na concretização de tão ambiciosas e, muitas vezes, arrojadas criações que o público tem acolhido com entusiasmo, enchendo as salas.

Surpreendentemente, por uma falha na avaliação do nosso projecto de gestão, vimo-nos excluídos dos apoios sustentados para o quadriénio 2018-2021! Não vos vamos maçar com pormenores...

Apesar disso, os nossos co-produtores, o Teatro Nacional São João e a Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, fizeram questão de nos reafirmar o seu apoio e intenção de manter o espectáculo

Ter Razão nas programações das suas casas. Por eles e por toda a equipa, encenador, actores e criativos que quiseram avançar com este projecto apesar das evidentes vicissitudes, o espectáculo aí está! Mas, acima de tudo, porque o teatro merece, porque o público merece! A nossa gratidão é infinita!*

Ter Razão é uma provocação, um divertimento sério sobre as pessoas e o seu quotidiano. Suspeitávamos que este encontro entre nós e a Palmilha iria ser desafiador e estimulante. Mas não esperávamos tanta cumplicidade artística, tanto conforto, tanta alegria...

Todos os muros têm rachadelas. Ainda bem, pois é por aí que entra a luz.

Sejam bem-vindos!

* Em Dezembro de 2018, a DGArtes informou-nos do apoio a esta criação no Concurso de Apoio a Projectos.

Da encenação e do texto. E do processo.

Ricardo Alves

Ter razão é uma experiência engraçada. Inebriante até.

Quem experiencia essa vivência pela primeira vez sente uma sensação de felicidade muito próxima da sentida naquela primeira vez de uma noite de núpcias.

E depois é natural querer mais.

Eu, que raramente tenho certezas, que frequentemente acho que não tenho a informação toda e muitas vezes vou mudando a minha opinião em função de nova, ou mais pormenorizada informação, ou até da minha boa ou má disposição do momento, tive de arranjar um outro substituto para o prazer inebriante de ter razão, tão próximo do prazer de uma noite de núpcias.

E o meu sucedâneo é achar que vocês se importam. Gosto de pensar que ninguém é uma porta fechada e que quase todos estão disponíveis a repensar o que têm como certo. Gosto de pensar que ninguém vem ao teatro buscar respostas, mas sim descobrir novas perguntas. E é o que mais tenho para oferecer neste espectáculo: perguntas e mais perguntas, e depois podemos ir falando delas.

E depois a outra coisa engraçada deste espectáculo: ser uma co-criação do Ensemble e da Palmilha. É claro que o convite do Jorge Pinto me surpreendeu, mas eu gosto de ser surpreendido. E eu gosto de desafios, mas confesso que nesse aspecto foi uma desilusão. Não foi o confronto de duas formas de fazer teatro, não foi o despique entre um teatro mais sustentado e outro mais caótico, não foi o choque de tentar conciliar duas coisas distantes, foi apenas o encontro de gente que gosta do que faz e que o faz, apesar das vicissitudes, de uma forma profissional e divertida.

E ser divertido e partilhar risos, para além da utilidade, são as únicas razões válidas para fazer coisas.

E agora é a vez do público ver e dizer das razões que tenha para gostar, odiar ou ser indiferente.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.





Os olhos dela...

José Luís Ferreira*

“A nossa pálida razão
esconde-nos o infinito.”
Arthur Rimbaud

E se tentássemos, mesmo a sério, fazer do mundo um lugar melhor? Pensando que temos razão, ou não sabendo se a temos, ou mesmo não querendo saber... Seria possível que persistíssemos em povoar um palco com palavras e corpos improváveis, apesar de o mundo das coisas parecer vacilar em nos reconhecer a razão de persistirmos? Haverá palavras, ou gestos, não elegíveis? Haverá desejo de partilha estética, prazer na invocação da presença do outro, sem a correlativa consciência de serviço público? Enfim, questões que não são ociosas, mas são tão metateatrais que nos levam para onde, agora, não queremos ir...

Nós, agora, só queremos circular tranquilamente por um palco que é uma cidade, intuir um conjunto de regras simples que nos ensinam a geografia das coisas, esperar pacientemente que seja a nossa vez e estacionar a alma num sítio tranquilo. Perto do centro, se possível. E vamos ensaiá-lo, como no Teatro, tantas vezes quantas sejam necessárias para que tudo se esclareça nas nossas cabeças, para que todas as variantes possíveis de todas as realidades possíveis se produzam à nossa frente, connosco, sobre os nossos corpos...

Ricardo Alves escreveu um texto que é como o teatro. Ou então, o texto, que é o teatro, escreveu-se através do Ricardo Alves e através dos corpos e das indecisões dos actores. Ou então, o teatro decidiu recordar-nos de que sempre foi um laboratório das infinitas formas de estarmos vivos, aquele sítio onde podemos ver o mesmo dia nascer todos os dias, aquele sítio onde nos é possível fazer de todas as vezes a primeira vez. Onde podemos ter razão quatrocentas e oitenta e nove vezes em apenas um ano e ainda assim vermo-nos sempre na mesma encruzilhada, sempre na necessidade de voltar a demonstrá-la. A repetição, no teatro como na vida, é sempre um recomeço, a invocação de uma outra possibilidade. É da repetição que nasce a hipótese da fuga, aquela pequena volta na espiral da vida que, de repente, nos coloca noutra sítio.

Se uma mesa com rodas pode ser um carro, se uma campainha de recepção pode ser uma buzina ou um carimbo a meio caminho entre Kafka e Borges, um actor é um actor. Não é um engenheiro civil. Aquilo que constrói, como aquilo que é, desvanece-se no ar e tem que ser refeito. Não apenas aquilo que é de cena, mas aquilo que é da ordem do ser. Levantar e andar, comer e estar vivo, passar o *casting*, pensar o teatro, experimentar com o corpo como se faz, gostar de gatos, ou de brócolos, se conhecermos o brócolo certo...

O dispositivo simples, embora barroco, posto em abismo, que funda este espectáculo move-se nesse espaço existencial. Entre o exercício, real e retórico, da entupida dinâmica do colectivo e a persistência dos espaços irredutíveis, dos lugares de estacionamento onde não cabemos uma e outra vez, mas onde tentaremos sempre estacionar, demarcar um espaço para a nossa existência. Seremos sempre aquele que não se importa com as consequências dos seus actos, que acredita na sua legitimidade para abrir espaços na vida em que tudo espera que consigamos resolver-nos, mas seremos também sempre aquele que se impacienta, aquele que tem razão mesmo que a sua razão interrompa o fluxo normal das coisas, seremos sempre aquele que não sabe distinguir a esquerda da direita.

E se tentássemos, agora mesmo a sério, fazer do mundo um lugar melhor? Seria possível, por exemplo, uma companhia que tem viajado entre uma prática sistemática dos repertórios clássicos e as dramaturgias contemporâneas, que transporta um estilo que é um desejo sempre reconstruído de elegância, propor uma aventura comum a outra companhia que construiu nas margens do teatro mais canónico um percurso e uma linguagem perfeitamente reconhecível, onde o desconcerto e a acutilância, ou a derrisão, se constroem em diálogo directo com o público?

Vamos imaginar que sim... Que é possível tomar um conjunto de actores com linguagens manifestamente diversas e trabalhar sobre essa diferença. Vamos

imaginar que é possível adivinhar no corpo da Emília, e recuperar da nossa memória de espectadores, os modos que reverberam das palavras de Cocteau, ou de Tchekhov, ou de Friel, ou de Garrett, ou que pode ser o Avarento a transpirar na misantropia com que o Jorge enfrenta a sua necessidade de ter razão. Que o Ivo continua dependurado da cruz, a desfiar a sua vida e a provocar a nossa horas a fio. Que a Teresa interroga, tanto quanto revela, a sua condição de atriz enquanto procura construir um percurso por entre a floresta difícil da pequena produção independente. E que, por outro lado, é possível tomar esses actores e entrever-lhes uma regra comum, uma espécie de procedimento, entre o coreográfico e o burocrático, que define uma geografia e liberta os corpos para uma nova ficção.

Todo o ritmo do espectáculo é construído precisamente entre esse espaço do jogo colectivo, rarefeito e sempre em recomposição, e a emergência de ilhas de subjectividade que nos interpelam directamente. A banda sonora, entre o apaziguador e o inquietante, fornece a paisagem do jogo, o lento mas inexorável desenrolar do quotidiano. A máquina cenográfica, também ela serial e repetitiva, é operada incessantemente pelos actores, presta-se à reconfiguração permanente, vive sempre no avesso de si própria, ordenando-se em espaço interior para logo a seguir voltar a trazer-nos para o ar poluído da cidade, mudando de natureza sem mudar de aparência.

A forma como o texto se vai escrevendo, como um anagrama de si mesmo, interpolando palavras e silenciamentos, propondo aqui um esclarecimento que ali se omite, mostrando-nos sucessivamente a mesma realidade segundo diferentes ângulos da câmara, como no cinema, torna um esquema simples numa estrutura complexa. O desdobramento do discurso, a polifonia e a cacofonia, a articulação de vozes, matizam a estrutura repetitiva do texto e conduzem-na a uma espécie de apoteose onde uma mesma história, talvez a história da razão, se desdobra em diferentes pontos de vista, uns antagónicos, outros complementares, a deixar-nos entrever que a história de

cada história tem tantas verdades quantas escritas dela possamos fazer.

E se, no final, voltássemos àquela ideia simples de fazer do mundo um lugar melhor? Será que teríamos que reescrever este texto para nele caber a imensidão dos olhos dela? Para melhor podermos perceber o vazio de segunda-feira ou a razão pela qual duvidamos se deveríamos ter aceite este ou aquele papel, no teatro ou na vida? Afinal, o jogo da razão é como o ponto de embraiagem: para cá do ponto exacto, o motor faz barulho, mas não avança; se deixamos o pé subir demasiado depressa, ou vamos abaixo estrepitosamente ou perdemos o controlo... E nós tratamos muito mal as nossas embraiagens!

* Produtor e programador.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

ficha técnica TNSJ

produção executiva **Alexandra Novo, Eunice Basto**
direção de palco **Emanuel Pina**
adjunto do diretor de palco **Filipe Silva**
direção de cena **Cátia Esteves**
luz **Filipe Pinheiro** (coordenação),
Adão Gonçalves, Alexandre Vieira, José Rodrigues, Nuno Gonçalves, Rui M. Simão
maquinaria **Filipe Silva** (coordenação),
Adélio Pêra, António Quaresma, Carlos Barbosa, Joaquim Marques, Jorge Silva, Lídio Pontes, Paulo Ferreira
som **António Bica**
língua gestual portuguesa **CTILG – Serviços de Tradução e Interpretação de Língua Gestual, Lda.**

apoios TNSJ



apoios à divulgação



agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Policia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

ficha técnica Ensemble

construção de cenário
Américo Castanheira/TUDO FAÇO
costureira **Ana Fernandes**

apoio Ter Razão



agradecimentos Ensemble

TNSJ
Álvaro Santos
Américo Castanheira

Ensemble – Sociedade de Actores

Rua Carlos Manuel de Amorim Gomes, n.º 25
4475-088 Maia
T 22 982 63 18 · www.ensembledeactores.com
ensemble@sapo.pt

Teatro Carlos Alberto

Rua das Oliveiras, 43
4050-449 Porto · T 22 340 19 00

www.tnsj.pt · geral@tnsj.pt

edição

Departamento de Edições do TNSJ
coordenação **João Luís Pereira**
fotografia **Susana Neves**
design gráfico **Dobra**
impressão **Greca – Artes Gráficas, Lda.**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

Ter Razão

texto e encenação

Ricardo Alves

música

Ricardo Pinto

desenho de luz

José Álvaro Correia

cenografia

Sandra Neves

figurinos

Inês Mariana Moitas

interpretação

Emília Silvestre

Jorge Pinto

Ivo Bastos

Teresa Arcanjo

cocriação

Ensemble, Teatro

da Palmilha Dentada

coprodução

Ensemble – Sociedade

de Actores, Casa das Artes

de Vila Nova de Famalicão,

TNSJ

dur. aprox. 1:15

M/12 anos

Língua Gestual Portuguesa

13 mar qua 19:00

Conversa pós-espetáculo

8 mar

Teatro Carlos Alberto

8-17 março 2019

qua+sáb 19:00

qui+sex 21:00

dom 16:00



OTNSJ É MEMBRO DA

